



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**JOSÉ VITOR DIAS DA SILVA**

**Do Tocar ao Ouvir: Audiodescrição e Inclusão na Arte de Transformar  
Gravuras em Sons.**

**RECIFE, 2025**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**Do Tocar ao Ouvir: Audiodescrição e Inclusão na Arte de Transformar  
Gravuras em Sons.**

**JOSÉ VITOR DIAS DA SILVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Elizabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti

**RECIFE, 202**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, José Vitor Dias da .

Do Tocar ao Ouvir: Audiodescrição e Inclusão na Arte de Transformar  
Gravuras em Sons. / José Vitor Dias da Silva. - Recife, 2025.

57 : il., tab.

Orientador(a): Ana Elizabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, , 2025.

10.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Audiodescrição. 2. Inclusão. 3. Artes. 4. Gravuras. I. Cavalcanti , Ana  
Elizabeth Lisboa Nogueira . (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**Do Tocar ao Ouvir: Audiodescrição e Inclusão na Arte de  
Transformar Gravuras em Sons.**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Profa.Dr. Ana Elizabeth Lisboa Nogueira Cavalcanti (Orientadora-UFPE)**

---

**Profa.Dr. Jessica Aline Tardivo ( Examinador Interno- UFPE)**

---

**Mestre. Rodrigo Ferreira dos Santos ( Examinador Externo- Doutorando do  
PPGL/UFPE)**

## **Agradecimentos**

Agradeço a mim mesmo por não desistir de lutar todos os dias desde 2018 e a Deus por ser minha força motriz. Quando soube que havia sido aprovado na UFPE, o medo tomou conta de mim e, por muitas vezes, pensei em desistir. Sair do interior e deixar minha família foi um processo complicado. Eu não sabia andar em Recife, não tinha família nem amigos para me dar esse auxílio, mas sempre tive o apoio do meu maior amor: a minha mãe. Mulher que, mesmo sendo impedida pelo sistema de estudar, nunca me deixou faltar nada. Lembro-me de que ela disse que, quando eu e meus irmãos fomos estudar no ensino fundamental, ela não tinha dinheiro para os materiais escolares. Então, ela catou castanhas para conseguir comprar nossos cadernos. Isso me deixa muito feliz, pois minha mãe é a minha força e motivação para não desistir.

Agradeço imensamente a todos os motoristas que me deram carona para vir para Recife. Como sou do interior, tinha que contar com caronas para a cidade e, depois, para Recife. Agradeço a Neno, motorista do TFD (Transporte Fora de Domicílio), que sempre me ajudou. Agradeço à Casa dos Estudantes da Prefeitura de São Vicente Ferrer, na gestão de Flávio Régis, que foi um apoio essencial para as minhas primeiras semanas em Recife, e à Dona Mazé, que nunca se negou a me ajudar com caronas.

Também lembro da amizade de Erika, hoje dentista, uma grande amiga que sempre me ajudou com incentivo, e de Eliana, que sempre me apoiou com conselhos e direcionamentos. Agradeço a todos que pegaram carona de madrugada para vir para Recife. A gente se divertia muito no percurso, e isso tornava o processo menos doloroso.

Agradeço também ao Nase (Núcleo de Apoio à Saúde do Estudante) por me acolher tão bem e me ajudar com o Restaurante Universitário e com o alojamento, que foram de grande importância para a minha permanência em Recife enquanto estudante bolsista do programa de moradia. Agradeço imensamente às assistentes sociais, por sempre me ouvirem, compreenderem e me ajudarem, às psicólogas do Nase da UFPE, e a toda a equipe que, direta e indiretamente, auxilia os estudantes.

Agradeço pelo apoio dos amigos Vitória Albino, hoje jornalista, Leonardo Soares, hoje jornalista, pela amizade e apoio, e à Ana Isabel, hoje fisioterapeuta, pela amizade e apoio enquanto estudante. Impossível não mencionar a Casa dos Estudantes Masculina, ambiente onde me senti acolhido e que me possibilitou a conclusão desse ciclo. Agradeço aos grandes amigos e colegas que conheci nesse âmbito, em especial Deysi, terapeuta ocupacional, amiga de longa data e companheira de festas para desopilar; Raeli, hoje psicóloga, amiga que sempre me acolheu com paciência e amor; José Luiz, que foi um amigo durante toda a jornada e vivenciou comigo vários momentos dentro e fora da universidade; e a todos que compõem a Casa Mista também: Paola, Laisla, Conceição, Emmanuele, Virgínia, Amélia, Ana Cristina, Bianca e minha amiga conselheira, a porteira Liliane. Não posso esquecer também a porteira Lili da Casa Masculina, e ao meu quarto 212 de 2019: Roberto, Willian e Mário. Hoje, agradeço, in

memoriam, a Mário Daniel, um grande amigo que foi essencial também nessa trajetória acadêmica, mas que me deixou na pandemia e hoje é minha estrela no céu.

Também menciono, in memoriam, o motorista Kinho, que sempre me ajudou na vinda e ida para Recife. Aos meus irmãos: Natália, Valter e Darlene, amo vocês. E ao meu pai, Cosme, te amo também.

Agradeço ao estágio 3 de Artes Visuais em Arte Têxtil, onde conheci as amigas Nalige e Isadora, que me ajudaram com ensinamentos e conselhos. Agradeço aos novos amigos de 2024/2025: Ray, Eduardo, Wictoria, Felipe, Filipe, Clara, Nicole, Leandro, Rafaela, Sandro, Ninha, Flávio, Maysa Carolina, Givanilson, Yanka e Ingrid.

Agradeço às tias do RU por se tornarem mães aqui na universidade, ao pessoal da limpeza da Casa Masculina e aos TKS, que fazem um trabalho lindo e com amor. Agradeço aos meus odontólogos do quarto 212: Alexsandro, Yan e Victor Miguel, por serem especiais comigo, ouvirem, aconselharem e ajudarem quando necessário. Obrigado por serem minha família durante esse tempo.

Sem esquecer também a Michele, que teve paciência, zelo e compreensão em me ajudar no experimento de audiodescrição, pontuando os aspectos a serem ajustados. Sua ajuda foi essencial para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos que não foram citados aqui, mas que contribuíram de alguma forma para a finalização deste ciclo, seja os alunos de Artes Visuais, seja os alunos do curso que tentei mudar, Enfermagem, mas que viveram comigo algum momento. Agradeço, ainda, imensamente a Maria Betânia, em TCC 1, que me ajudou na escrita e escolha do tema, e às minhas amigas Juliana Araújo e Débora Ozana, pela retirada de dúvidas quando necessário. Sem esquecer a minha orientadora, Ana Elizabeth Lisboa, pelos ensinamentos, conselhos e paciência, e também a professora de TCC 2 Jessica Tardivo, que é uma inspiração enquanto professora e pessoa. Meu muito obrigado!

A todos que contribuíram de alguma maneira, meu muito obrigado. Eu amo vocês.

Talvez a coisa mais linda da vida seja concluir um ciclo, sem dúvidas, as artes visuais é isso. Eu nem sei se vou atuar na área, como falei desde o início do curso. “*As artes que me escolheram*”, eu confesso que fui levando o curso, é normal não se encantar por tudo, mas no meio do processo algo me fez bem, foi as gravuras. Eu cheguei a gostar do curso quando licenciei para crianças, foi naquele momento que no meu coração bateu as borboletas e fui mais feliz. O problema é que sempre liguei pra comentários, artes da dinheiro? Sua nota não deu pra outra coisa? Dentre tantas outras perguntas [...] mas o que artes dá e deu para mim foi uma oportunidade ímpar de me conhecer. Hoje percebo que a vida é curta e breve, por isso, devemos lutar pelo o que gostamos e acreditamos. Eu sou Arte Educador.

## **Resumo:**

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo demonstrar a possibilidade de usar a audiodescrição como recurso no campo da educação em artes visuais, tendo como objeto de estudo de gravuras. Para isso, será realizada a audiodescrição de três gravuras, duas do acervo pessoal do autor e uma do artista pernambucano Mestre Vitalino, pautando-se em metodologia exploratória de caráter qualitativo a narrativa é dividida em duas partes as técnicas de audiodescrição e minha experiência em audiodescrição. Como resultado apresento uma prática aplicada e a percepção de um observador. Acredito que esse trabalho pode se tornar referência no campo dos estudos em artes visuais e acessibilidade.

**Palavras de chave:** Artes Visuais. Inclusão. Audiodescrição. Gravuras. Acessibilidade.

## **ABSTRACT :**

This undergraduate thesis aims to demonstrate the possibility of using audio description as a resource in the field of visual arts education, with prints as the object of study. To achieve this, the audio description of three prints will be carried out—two from the author's personal collection and one by the Pernambuco artist Mestre Vitalino. Based on an exploratory qualitative methodology, the narrative is divided into two parts: audio description techniques and my experience with audio description. As a result, I present an applied practice and the perception of an observer. I believe this work can become a reference in the field of visual arts studies and accessibility.

**Keywords:** Visual Arts. Inclusion. Audiodescription. Engravings. Accessibility

# SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>9</b>
1.1. A técnica de audiodescrição	12
1.2. A técnica de audiodescrição no campo das artes visuais	16
1.3. Artistas de referência (obras de arte que tenham audiodescrição)	19
<b>2. Desenvolvimento</b>	<b>26</b>
2.1. Minha primeira experiência com audiodescrição	26
2.2. O trabalho enquanto artista gravurista	31
2.3. Experimento de audiodescrição	38
2.4. Testando a audiodescrição	41
<b>3. Considerações Finais</b>	<b>45</b>
<b>4. Referências</b>	<b>47</b>
<b>5. Anexos</b>	<b>48</b>

## **Introdução**

O Brasil é um país marcado pela diversidade de costumes, valores e uma rica multiculturalidade. A educação inclusiva, por exemplo, tem sido discutida e implementada com mais intensidade nas últimas décadas. É importante ressaltar que uma parcela significativa da população brasileira vive com algum tipo de deficiência. Assim, ao contrário do que algumas pessoas podem acreditar, falar sobre inclusão e acessibilidade hoje vai além de um assunto restrito a uma minoria. Trata-se de garantir representatividade e atenção especial a esses grupos, incluindo recursos como a audiodescrição, que buscam minimizar os entraves criados pela sociedade e promover igualdade de oportunidades.

Neste trabalho de conclusão de curso, a audiodescrição será o tema central. Inicialmente, constatou-se que esse recurso ainda é pouco conhecido na cidade de Recife, Pernambuco. Além disso, é difícil encontrar temáticas semelhantes que abordem a audiodescrição em relação às gravuras, por exemplo.

Atualmente, o Brasil abriga uma população de mais de trinta e cinco milhões de deficientes visuais, segundo dados do IBGE. Desses, mais de 400 mil não conseguem enxergar de modo algum. Essa situação evidencia como uma parcela significativa da sociedade é excluída e marginalizada, impedida de usufruir de atividades de lazer e culturais devido à carência de infraestrutura e recursos em muitos desses segmentos.

A minha experiência com audiodescrição começou em 2024, entre os meses de fevereiro e maio, após a realização do estágio IV em Artes Visuais, no qual o estudante realiza atividades informais. Nesse estágio, que ocorreu no Instituto de Arte Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco (IAC-UFPE), um dos requisitos para completar a carga horária foi participar de um projeto de audiodescrição, com um total de 20 horas complementares. O objetivo desse projeto é audiodescrever as obras do acervo Benfica, possibilitando aos deficientes visuais uma maior aproximação das obras de arte, uma realidade que, lamentavelmente, ainda está distante para muitos.

Na prática, o contato com as obras do acervo Tainacan, uma plataforma digital de gestão e divulgação de acervos museológicos, despertou meu interesse em pesquisar cada vez mais sobre o tema. Pretendo relacionar a audiodescrição com as gravuras que já produzi nos terceiro e quarto períodos da licenciatura em Artes Visuais.

Ao ingressar no curso no ano de 2018, minha curiosidade era grande para conhecer esse universo tão novo para mim. Meus planos iniciais não eram seguir por

esse caminho, mas sim pela Fonoaudiologia. No entanto, acredito que o propósito de Deus para mim era outro.

Nas primeiras disciplinas, como desenho, pintura, argila e gravura, além das disciplinas do Centro de Educação, acabei desenvolvendo uma paixão especial pela gravura, disciplina essa ministrada pela minha orientadora, Ana Lisboa, pois a sensação de realizar atividades artísticas dessa natureza é, para mim, uma grande terapia.

Nesse processo, a orientação da professora Ana Lisboa, foi fundamental para meu desenvolvimento. Comecei a me aprofundar sobre essa prática de expressão; porém, com a chegada da pandemia de Covid-19, as aulas presenciais foram interrompidas.

Nesse tempo de aulas remotas, preferi aguardar o retorno das aulas presenciais para continuar na disciplina de gravura. Dessa forma, apenas no ano de 2022, de forma híbrida, foi possível retomar as aulas e assim continuei criando e aprimorando meu fazer artístico.

Durante o curso, a professora Ana Lisboa, também me presenteou com dois livros de sua autoria: “Clamor: Arte e Transtornos Psíquicos” (2017) e “Múltiplos: Experiência com gravuras” (2018). Essas leituras me aproximaram de temáticas voltadas para arte como terapia, o que me levou a estudar mais sobre saúde mental, e por um momento, a escrever uma dissertação futura sobre arteterapia. No entanto, mudei de ideia ao longo da trajetória. Acredito que cada vida tem um propósito, e o meu não era esse. Cheguei a realizar investigações em algumas disciplinas sobre como a arteterapia pode auxiliar idosos a envelhecer com mais tranquilidade e respeito. Esse tema parecia uma boa base para o trabalho de conclusão de curso, mas os planos tomaram outro rumo.

Matriculei-me na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, mas desisti ao perceber que ainda não era o meu momento de escrever. Retirei a disciplina e busquei novos caminhos, e foi nesse contexto que iniciei a disciplina de Estágio 4, onde descobri uma nova aptidão : a audiodescrição.

Desse modo, meus planos mudaram completamente quanto a escrever sobre arteterapia. Confesso que, ao começar essa nova escrita, me perguntei se seria capaz de recalculiar a rota, já que tinha um pré-projeto quase pronto, que me daria “menos trabalho”. No entanto, decidi recomeçar do zero e dedicar-me à audiodescrição, associando-a à minha outra paixão: a gravura. Lembro-me de que, na primeira aula de TCC, a professora Maria Betânia fez a pergunta: "O que você ama?" Acredito que

devemos ter um grande amor pelo tema que escolhemos para escrever uma dissertação de conclusão de curso.

Foi a partir desse entusiasmo que decidi trazer a gravura e a audiodescrição como recursos durante minhas práticas, o que resultou na proposta de elaboração do presente trabalho.

Para compreender melhor a audiodescrição, realizei, no ano de 2024, no mês de Fevereiro, o curso “*Introdução à Audiodescrição*” pela Escola Virtual do Governo Federal, com carga horária de 60 horas. Esse aprendizado foi importante para entender como a audiodescrição pode promover acessibilidade nas artes visuais, conectando conteúdos visuais a experiências inclusivas para pessoas com deficiência visual. No curso de introdução à audiodescrição, aprendi como desenvolver a audiodescrição de obras de arte, um processo que segue um passo a passo específico, começando pelas notas proemias. Isso é um gênero tradutório que exprime, em palavras escritas ou oralizadas, os elementos imagéticos necessários à compreensão, apreciação e aquisição de conhecimento dos eventos visuais, promovendo o empoderamento de pessoas com deficiência (definição do dicionário). Em seguida, realiza-se a descrição detalhada da obra. O foco do curso foi a audiodescrição de esculturas, o que me permitiu estabelecer uma conexão direta com as artes visuais. A partir desse aprendizado, adquiri a capacidade de audiodescrever obras de arte, e para o meu trabalho, aplicar essa técnica ao meu objeto de estudo, que são as gravuras, com o intuito de tornar essas obras acessíveis ao público com deficiência visual.

Após concluir o curso, iniciei a revisão bibliográfica deste trabalho, buscando destacar a relevância da audiodescrição nas artes, o que ainda é um pouco distante do objeto de estudo deste trabalho. Paralelamente, acompanhei o desenvolvimento do projeto de implementação de audiodescrição no acervo da reserva técnica da UFPE, utilizando a plataforma Tainacan para disponibilizar obras digitalizadas.

Com base nesse conhecimento, comecei a elaborar roteiros, descrever atividades e revisar materiais audiodescritivos, trabalho que também foi incorporado ao desenvolvimento da disciplina de Estágio. Essa experiência prática, aliada às reflexões teóricas, reforçou minha compreensão sobre o impacto da audiodescrição na inclusão cultural e a importância de ampliar o acesso à arte de forma universal.

O feedback que recebi durante o estágio dos supervisores Milena e Rodrigo, que trabalham no IAC, foi essencial para o meu crescimento de estagiário e futuro profissional das artes, pois indicou que fui uma peça-chave para auxiliar nas pesquisas

desenvolvidas, em colaboração com a equipe composta por Débora, monitora, e Brenda e Luana, estagiárias.

Essa experiência não apenas ampliou meu conhecimento sobre a importância da audiodescrição, mas também reforçou meu compromisso com a acessibilidade e a inclusão. Tenho me dedicado a aprimorar a audiodescrição para fazer uso dela em minha futura carreira, com expectativa de contribuir para práticas e atividades artísticas mais acessíveis. Desse modo, este trabalho tem como objetivo demonstrar a possibilidade de usar a audiodescrição como recurso no campo da educação em artes visuais, tendo como objeto de estudo as gravuras. Em relação à gravura, é importante citar que, apesar de existirem artigos, TCCs e teses que elencam os benefícios da audiodescrição na educação, não encontramos em nenhum banco de dados brasileiro pesquisas que realizem experimentos e divulguem a audiodescrição especificamente no campo da gravura. Isto porque a maioria dos trabalhos pesquisados e analisados foca na audiodescrição na televisão e no cinema, e há uma carência de estudos sobre sua aplicação na gravura, que será o foco desta pesquisa.

Para isso, faz-se uso da metodologia exploratória, pois é um método de pesquisa que consiste em investigar e acompanhar um objeto de estudo, uma vez que realiza a audiodescrição em três gravuras, sendo duas de acervo pessoal do autor e uma de Mestre Vitalino, artista pernambucano. A pesquisa está estruturada em duas partes que refletem o desenvolvimento e a aplicação deste conceito. A parte 1 será destinada a compreender o processo de audiodescrição e sua importância no contexto das artes visuais, e a parte 2 será dedicada ao relato de experiência pessoal do autor.

## **1.1. A técnica de audiodescrição**

A audiodescrição é uma ferramenta assistiva que proporciona uma experiência sensorial completa para pessoas com deficiência visual, permitindo que elas compreendam o espaço, o ambiente e os objetos, bem como se envolvam com as obras de artes. A técnica de audiodescrição consiste na tradução das imagens para palavras, permitindo que pessoas com deficiência visual compreendam o conteúdo de uma obra ou apresentação. Seu objetivo é proporcionar uma experiência artística rica e acessível, de modo que a pessoa cega ou com baixa visão possa vivenciar a obra de maneira semelhante à experiência visual de uma pessoa que consegue enxergar (Silva, 2023).

Ainda, a audiodescrição faz parte de um campo mais amplo da tradução, que busca adaptar a linguagem por meio de diferentes recursos tecnológicos, os quais tornam a comunicação acessível a diversos públicos. De acordo com especialistas como Jiménez-Hurtado (2007, p.77), essa tradução é conhecida como “tradução audiovisual”, isto porque envolve práticas como “legendagem e audiodescrição”. No caso da audiodescrição, objeto de estudo deste trabalho, o objetivo é traduzir a imagem para o formato verbal, permitindo que o público com deficiência visual acesse os elementos que compõem o bem observado.

No campo das Artes, pesquisas de Magalhães e Araújo (2022), por exemplo, destacam a importância de metodologias robustas para que os audiodescritores consigam escolher as palavras certas para descrever a arte com precisão e sensibilidade. Cabe destacar que a utilização da audiodescrição em espaços de arte foi implementada tardiamente, tendo sua origem em 1952 na Europa. Foi no museu Stedelijk, na Holanda, que o museólogo Willem Sandberg desenvolveu o primeiro "Áudio-Guia" para cegos, estabelecendo um importante precedente para a curadoria inclusiva. Assim, por meio da prática de Sandberg, a técnica de audiodescrição se expandiu e se tornou uma realidade para práticas de acessibilidade em vários países do mundo (Sandberg, 1952).

O profissional responsável pela audiodescrição reconhece que existe um princípio gerador que pode ser alcançado por meio desse recurso: o espectador com deficiência visual, ao utilizar a audiodescrição, tem acesso a novos mundos, conceitos e realidades antes inalcançáveis devido à exclusão. Assim, a audiodescrição influencia o espectador, proporcionando uma nova realidade e igualdade em relação aos demais. De forma geral, a audiodescrição é uma tradução audiovisual criada para atender às necessidades das pessoas com deficiência visual, sejam elas com baixa visão ou cegas. Seu propósito é favorecer o acesso aos meios audiovisuais e contribuir para o empoderamento das pessoas com deficiência.

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, tanto gravados quanto ao vivo. Isso inclui peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras musicais, óperas, desfiles, espetáculos de dança, além de eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos, como aulas, seminários, congressos, palestras e feiras, por meio da informação sonora. Trata-se de uma atividade de mediação linguística verbal, que abre possibilidades de acesso à cultura, tanto social quanto escolar (Motta, 2010, p. 8).

Para compreender como funciona a audiodescrição no Brasil atualmente, é importante salientar que, em geral, trata-se de um processo que requer um estudo minucioso. Tanto em filmes quanto em obras de arte, a AD só é realizada quando há um roteiro preparado. Com esse roteiro em mãos, são feitas sessões de ajustes, nas quais o ator audiodescritor ou o narrador ensaiam as falas, sempre buscando a melhor adequação em termos de tempo e alterando alguns termos e palavras para facilitar a compreensão no roteiro final. Na audiodescrição, não é permitido modificar as falas sem combinar e ajustar antecipadamente com o audiodescritor roteirista.

É essencial que, após todos os ajustes, se inicie a gravação do texto para a narração, com a participação de um diretor e um técnico de gravação. Durante esse processo, o ator audiodescritor irá narrar as falas do roteiro, sendo importante minimizar erros para evitar a necessidade de grandes ajustes posteriormente.

A audiodescrição expande a compreensão não apenas para pessoas com deficiência visual, mas também para aquelas com deficiência intelectual, dislexia e para a população idosa. Dessa forma, promove a participação plena de diversos públicos, permitindo que todos possam desfrutar das artes e da cultura ao eliminar barreiras físicas, atitudinais e comunicacionais (Pereira, p.58, 2020)

No que se refere à audiodescrição, busca-se tornar acessíveis a pessoas com deficiência visual conteúdos imagéticos, orientando a adoção de práticas de adaptação. Em resumo, a audiodescrição é um recurso que traduz imagens em palavras, permitindo que pessoas cegas ou com baixa visão compreendam conteúdos como fotografias, gráficos, ilustrações, esquemas, charges, vídeos e gravuras. Embora o recurso seja direcionado principalmente às pessoas com deficiência visual, ele também pode beneficiar públicos com outras deficiências, transtornos e, inclusive, pessoas idosas. A audiodescrição pode e deve ser utilizada em produtos e serviços educacionais, culturais e de entretenimento, permitindo um acesso mais amplo para todos.

Para tornar esse processo possível de acordo com (Silva,2022) é essencial seguir um passo a passo na elaboração da audiodescrição, seja oral ou escrita “a exemplo de” :

1. Identificar o tipo de imagem: gravura, fotografia, tirinha, charge, etc...
2. Fazer a audiodescrição a partir do sentido lógico da leitura da imagem, considerando as informações apresentadas.

3. Informar as cores da imagem, como, por exemplo, se é uma ilustração em branco e preto ou a técnica utilizada na gravura.
4. Descrever, de maneira lógica e objetiva, todos os elementos que compõem a imagem, pintura ou gravura, incluindo o conteúdo escrito.
5. Evitar redundâncias na audiodescrição e adotar frases mais curtas.
6. Evitar o uso de termos interpretativos subjetivos. A percepção de algo como belo, feio, nojento ou afável deve ser deixada para a interpretação da pessoa que receberá a audiodescrição.

Em especial, no caso de audiodescrição na forma escrita, é importante que a cor e o tamanho da fonte permaneçam os mesmos que o texto que consta no restante da mensagem, para que o conteúdo audiodescrito seja acessível às pessoas com baixa visão.

Para alguns estudiosos da área de audiodescrição (Franco, 2014; Motta, 2010), a audiodescrição pode ser dividida em três grupos: ao vivo, simultânea ou gravada. No quadro abaixo, é possível perceber como isso funciona e as informações necessárias para sua produção e elaboração de roteiro.

Tabela 1. *Elaboração e práticas de audiodescrição: um guia passo a passo*. 2022

AD	Roteiro	Descrição	Exemplo de venda
Gravada	Preparado com antecedência	Gravada em estúdio	Filmes, programas de tv.
Ao vivo	Preparado com antecedência e pode ter novidades.	Feito na hora do evento	Programas ao vivo, palestras, visitas a museus e festivais de dança
Simultânea	Não há roteiro improvisado	Feita na hora do evento e pode ter falhas	Exposições programas ao vivo, entre outros

Fonte. Quadro baseado no livro *“Elaboração e práticas de audiodescrição: um guia passo a passo”*. (Silva, 2022)

Conforme apresenta a tabela 1, nota-se que, além da imagem, é essencial que o som também seja audiodescrito em obras transmitidas por fones de ouvido. Como mencionado anteriormente, a narração busca complementar o que é dito pelos personagens.

Cabe reforçar que tais cuidados são necessários, uma vez que a audiodescrição se insere em um contexto mais amplo de acessibilidade, envolvendo práticas que beneficiam não só pessoas cegas ou com baixa visão, mas também públicos com deficiência intelectual, dislexia e idosos. Com um processo que exige precisão, sensibilidade e adaptação, a técnica se aplica a diversos contextos — de filmes a peças de teatro, exposições e eventos ao vivo —, garantindo que todos tenham acesso à cultura e ao conhecimento, e promovendo uma experiência mais inclusiva e democrática para todos os espectadores.

## **1.2. A técnica de audiodescrição no campo das artes visuais**

A audiodescrição, enquanto técnica de tradução do visual para o verbal, tem se mostrado uma ferramenta de grande importância na promoção da inclusão no campo artístico. Este capítulo se dedica a explorar a aplicação da audiodescrição nas artes visuais, com um foco especial nas gravuras, que são o objeto central deste TCC. Embora o estudo aborde outras formas artísticas, como pinturas, desenhos e peças tridimensionais, o objetivo principal é ressaltar como a audiodescrição pode enriquecer o entendimento e a apreciação dessas obras, promovendo a inclusão e a acessibilidade no universo artístico.

De acordo com Motta (2010, p. 45), a audiodescrição, quando aplicada às artes visuais, enfrenta o desafio de traduzir as complexas camadas visuais das obras em palavras. As artes, como as pinturas e esculturas, muitas vezes possuem elementos simbólicos e abstratos que exigem uma descrição detalhada para que a pessoa com deficiência visual possa compreender seu significado e profundidade. A audiodescrição, portanto, não se limita a uma simples descrição física da obra, mas busca transmitir a essência da experiência estética, possibilitando que o público cego ou com baixa visão tenha uma vivência o mais próxima possível de quem observa a obra.

Esse processo envolve a descrição detalhada de elementos essenciais, como as cores, formas, expressões, movimentos e a disposição dos objetos na obra, sem perder

de vista o contexto simbólico e cultural em que estão inseridos. A audiodescrição, portanto, transcende a técnica de tradução, exigindo do audiodescritor uma formação que combine conhecimento técnico com sensibilidade estética e cultural. Para que a descrição seja eficaz e realmente significativa, é fundamental que o profissional compreenda a obra em sua totalidade, suas nuances e sua mensagem, para que a experiência proporcionada seja autêntica.

Acredito que a audiodescrição tem um papel transformador na inclusão cultural, pois, ao possibilitar que pessoas com deficiência visual tenham acesso às artes visuais, contribui para um ambiente cultural mais democrático e acessível. A arte, em sua forma mais pura, deve ser uma vivência acessível a todos, e a audiodescrição é um caminho para que isso seja possível. Ela não apenas descreve a obra, mas transmite a sensibilidade e a beleza que estão presentes em cada detalhe. No entanto, para que isso ocorra de forma eficaz, é imprescindível que os audiodescritores recebam formação contínua e especializada, garantindo que suas descrições não sejam simplistas, mas sim ricas e capazes de evocar a experiência estética da obra de maneira precisa.

Apesar dos avanços na área da acessibilidade nas universidades, ainda observamos uma realidade em que a inclusão nas artes visuais é limitada. Embora os espaços acadêmicos tenham investido em infraestrutura acessível para a locomoção de alunos com deficiência, as obras artísticas, em sua maioria, permanecem inacessíveis. As gravuras, desenhos, pinturas e esculturas tridimensionais, por exemplo, carecem de tradução para formatos acessíveis, como a audiodescrição, o que impede que uma parcela significativa do público, especialmente pessoas com deficiência visual, vivam a obra de forma completa.

Essa lacuna é particularmente problemática no contexto educacional. Futuros professores e profissionais da área da arte, ao não terem acesso adequado às obras, ficam privados de uma compreensão mais profunda da arte e da cultura visual. Para um estudante cego, por exemplo, o acesso a uma obra de arte sem a presença de uma audiodescrição significa a perda da oportunidade de experimentar a totalidade da obra, limitando tanto seu aprendizado quanto sua vivência cultural. A falta de audiodescrição nas artes visuais, portanto, é uma das maiores barreiras para a inclusão efetiva no campo artístico, sendo urgente que as instituições de ensino e os espaços culturais busquem soluções para superar essa exclusão.

O processo de audiodescrição envolve a criação de roteiros detalhados, que exigem ajustes cuidadosos para garantir que a descrição seja clara e precisa, oferecendo

uma representação fidedigna da obra. Embora sua principal função seja atender ao público com deficiência visual, a audiodescrição também pode ser útil para outros grupos, como pessoas idosas ou aquelas com dificuldades cognitivas. Isso torna a audiodescrição um recurso inclusivo e universal, que promove o acesso de todos aos benefícios das artes visuais.

No contexto das gravuras, a audiodescrição tem uma função particular e essencial. A gravura, com seus detalhes minuciosos e seu significado simbólico, exige uma atenção especial na hora de ser descrita. Ela possibilita a transmissão de informações visuais que não são captadas apenas pela narração, mas também por meio dos detalhes que a descrição auditiva pode fornecer. A audiodescrição de uma gravura permite que o ouvinte visualize a cena, compreenda melhor os elementos compositivos e perceba nuances que enriquecem a experiência sensorial. Dessa forma, a audiodescrição contribui para uma vivência mais profunda e acessível da obra, garantindo que a pessoa com deficiência visual possa, de fato, apreciar sua complexidade e beleza.

Liliane Barros Tavares (2020) complementa essa visão, destacando que a audiodescrição é uma prática que vai além da tradução visual para o verbal, propondo uma imersão sensorial que permite ao espectador, seja ele cego ou com baixa visão, criar uma imagem mental rica e detalhada da obra. Ela argumenta que, ao descrever as nuances das obras, como as cores, formas e texturas, a audiodescrição abre novas possibilidades de fruição, promovendo uma vivência mais profunda e acessível da arte, que respeita as diversas formas de percepção do público. No caso das gravuras, em particular, essa técnica se torna um canal vital para revelar camadas de significado que poderiam ser inacessíveis sem esse tipo de tradução sensorial.

No contexto das artes visuais, a audiodescrição é fundamental para promover uma conexão mais profunda entre os públicos com deficiência visual e as obras de arte, traduzindo a imagem visual para a linguagem verbal. De acordo com De Coster e Muhleis (2007), a audiodescrição vai além de uma simples transcrição, funcionando como uma ponte entre a imagem e a sensação tátil, onde o visual é transformado em palavras. Essa interação não apenas facilita o entendimento da obra, mas também oferece uma experiência estética mais rica e inclusiva, permitindo que o público "sinta" a arte de uma maneira única.

Em relação ao nível de detalhamento da audiodescrição, ele pode variar dependendo da obra. Quando se trata de uma peça tátil, por exemplo, a audiodescrição (AD) deve incluir um rastreamento de toque, pois o papel da AD nesse contexto será

diferente de uma obra visual tradicional. No entanto, o nível de detalhamento não deve se limitar apenas à descrição da parte física da obra, mas também deve proporcionar ao público com deficiência visual uma experiência mais ampla. Isso ocorre porque o toque oferece uma experiência sensorial única, que pode ser diferente para cada pessoa. Santiago (2020) aponta que, assim como um filme tem seu tempo de duração e uma narrativa específica, a audiodescrição também está condicionada ao tempo que o audiodescritor tem para transmitir as informações. Além disso, a fluidez na fala é essencial para que a informação seja clara e bem compreendida. Para garantir a eficácia da audiodescrição, é fundamental o feedback do público com deficiência visual, pois são essas pessoas que possuem a vivência real da experiência e podem fornecer informações valiosas sobre a qualidade da descrição e sua adequação à realidade sensorial delas.

Portanto, a audiodescrição é uma técnica fundamental para a inclusão cultural no campo das artes visuais, permitindo que as obras, incluindo as gravuras, se tornem acessíveis a um público que, de outra forma, ficaria à margem da sociedade e das interações sociais. Ela não se limita a uma tradução do visual para o verbal, mas visa criar uma experiência sensorial e estética completa, possibilitando que todos, independentemente das suas condições, possam se conectar e aprender com a arte de maneira plena e igualitária.

### **1.3. Artistas de referências (obras de arte que tenham audiodescrição)**

Ao longo da trajetória acadêmica de um estudante de Artes, é natural que ele se inspire e desenvolva admiração por artistas cujas obras despertem algum tipo de emoção ou conexão. No caso da audiodescrição, muitos artistas contemporâneos não apenas a incorporam como um recurso acessível, mas a utilizam como uma extensão de sua própria linguagem artística. Isso permite que suas obras transcendam a percepção visual, oferecendo ao público uma vivência mais rica e sensorial, abrangendo também o tato e a audição.

A audiodescrição, ao ser inserida nas obras de arte, amplia o horizonte de apreciação, permitindo que o público com deficiência visual tenha uma experiência mais completa. Essa prática não apenas detalha as imagens, mas também promove uma

verdadeira imersão na obra, revelando camadas de significado que, de outra forma, ficariam restritas a um público visual. Ao explorar esse tema, fui em busca de artistas renomados que têm integrado a audiodescrição em suas produções, criando novas formas de acesso e interação sensorial.

Adriana Varejão, por exemplo, é uma das principais artistas brasileiras contemporâneas. É um exemplo notável de como a audiodescrição pode ser incorporada à arte. Em exposições como a realizada no Instituto Tomie Ohtake, as obras de Varejão, que misturam referências à cultura brasileira com uma intensa experimentação de texturas e formas, foram acompanhadas de audiodescrição. Segundo Costa (2016, p. 105), "a audiodescrição no trabalho de Varejão não é apenas uma explicação das imagens, mas uma verdadeira imersão na sensação tátil e emocional que a obra transmite, tornando-a acessível e expressiva para todos". Esse tipo de descrição detalha as superfícies das gravuras, o impacto sensorial das texturas e as ideias que permeiam as formas, permitindo que o público com deficiência visual experimente a obra de maneira mais integral.

Figura 1. Varejão, Adriana. "Gravura em destaque na exposição." Instagram, 15 de novembro de 2023.



Fonte. Disponível em: [https://www.instagram.com/aberto.art/p/C\\_nVoxkOZ4x/?hl=fr](https://www.instagram.com/aberto.art/p/C_nVoxkOZ4x/?hl=fr) Acesso em: 7 set. 2024.

Além de Varejão, artistas como Cândido Portinari e Di Cavalcanti também têm suas gravuras descritas em projetos de acessibilidade, com destaque para as iniciativas do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Nessas descrições, o foco não está apenas na explicação dos elementos visuais, mas na tradução da experiência emocional e sensorial que as obras provocam. Almeida (2018, p. 57) afirma que "a audiodescrição nas obras de Portinari e Di Cavalcanti não se limita a relatar o que está na tela, mas busca traduzir a experiência emocional e sensorial que essas gravuras provocam, criando uma ponte entre o espectador e a obra". Essa abordagem torna o acesso à arte mais inclusivo, permitindo que as obras sejam vivenciadas de forma plena, independentemente da limitação visual.

Di Cavalcanti, um dos ícones da arte modernista brasileira, sempre foi conhecido por suas representações vibrantes da vida social e cultural do Brasil, especialmente no contexto urbano e popular. Suas obras, principalmente as de temas sociais e nacionais, envolvem cores fortes e figuras expressivas que falam diretamente ao espectador. Quando falamos da inserção da audiodescrição nas obras de Di Cavalcanti, é importante destacar que ela amplia a forma como o público se conecta com suas pinturas e gravuras. A audiodescrição, ao traduzir as camadas visuais de suas obras para uma experiência sensorial rica, permite que os deficientes visuais sintam as nuances emocionais e contextuais do trabalho de Di Cavalcanti. Segundo Almeida (2018, p. 82), "a audiodescrição nas obras de Di Cavalcanti traduz a emoção do pintor, revelando a alegria e a tensão das cenas que ele criou com tanta força e expressão". Ao adotar a audiodescrição, o artista, mesmo pós-morte, continua a proporcionar novas formas de apreensão sensorial de suas produções, tornando-as acessíveis a um público mais amplo.

Figura 2. Di Cavalcanti *Samba* de 1935. Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em : <https://www.mar.art.br/> . Acesso em: 29 jan. 2025.

Cândido Portinari, na minha opinião, era talentoso em captar a alma do povo brasileiro e as questões sociais de sua época. Ele também foi referência para trabalhos de arte e acessibilidade. Suas grandes obras, como os “Painéis Guerra e Paz”, e seus desenhos detalhados, são pontos de partida ideais para o uso da audiodescrição. Para o público com deficiência visual, essas obras podem se tornar uma experiência ainda mais profunda através da descrição sensorial e emocional. Ao contrário de ser um mero relato visual, a audiodescrição no trabalho de Portinari permite que os elementos de textura, impacto e as relações entre as figuras humanas ganhem nova vida.

Almeida (2018, p. 57) destaca que:

[...] as gravuras de Portinari não são apenas retratos da realidade, mas também ecos emocionais, e a audiodescrição traduz esses ecos para um público que não pode captar diretamente as imagens

Assim, a acessibilidade torna-se parte da essência da obra, ampliando o diálogo entre a arte e um número ampliado de espectadores. Figura 3. Portinari, Cândido. *Retirantes*. 1944. Pintura. Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil.

Figura 3. Obra *Retirantes* de Cândido Portinari, 1944.



Fonte : <https://www.museuartedapampulha.org.br/> . Acesso em: 29 jan. 2025.

Embora a prática de audiodescrição em gravuras ainda esteja em desenvolvimento, ela já demonstra seu potencial para ampliar o alcance da arte, tornando-a mais acessível

a todos. As iniciativas dessas obras como Varejão, Portinari e Di Cavalcanti revelam o impacto transformador da audiodescrição, criando novas formas de vivenciar a arte de maneira sensorial. Para esses artistas, a audiodescrição não é apenas um elemento acessível, mas sim uma parte essencial de sua linguagem artística, proporcionando uma nova dimensão para a percepção e o entendimento das obras.

É importante destacar que, embora a audiodescrição se apresente como uma forma inclusiva nas artes visuais, os artistas mencionados não são audiodescritores. Desse modo, elas são audiodescritas por profissionais qualificados e que possuem o curso para realizar esta atividade. De forma sucinta, as observações apresentadas até aqui, demonstram a audiodescrição como uma ferramenta no processo de democratização do acesso à arte, proporcionando novas formas de vivenciar a obra. A prática, que inicialmente poderia ser vista apenas como uma descrição técnica para deficientes visuais, tem se transformado em uma verdadeira extensão da linguagem dos artistas, permitindo que suas criações não sejam apenas percebidas visualmente, mas também sentidas de maneira tátil e auditiva.

Através dos exemplos de artistas como Adriana Varejão, Cândido Portinari e Di Cavalcanti, fica claro que a audiodescrição pode ser mais do que um simples recurso de acessibilidade: ela se torna um elo entre a obra e o espectador, criando um campo sensorial enriquecido. Varejão, com suas texturas e formas complexas, utiliza a audiodescrição para mergulhar o público em um universo de sensações, onde a arte se torna uma experiência imersiva. Já Portinari e Di Cavalcanti, com suas gravuras emblemáticas, mostram como a audiodescrição pode ampliar a interpretação, transmitindo não apenas as características visuais, mas a essência emocional e histórica das obras.

Esses artistas, ao adotarem a audiodescrição como parte integrante de suas produções, nos mostram que a arte não tem fronteiras. Ela pode se estender para além dos olhos, tocando outros sentidos, permitindo que todos, independentemente de suas limitações, possam participar desse universo sensorial. A acessibilidade, nesse contexto, deixa de ser uma simples adaptação e se torna um elemento criativo e transformador, que reconfigura a relação entre o público e a arte.

Com isso, percebemos que a inclusão, por meio da audiodescrição, não é apenas um gesto de adaptação, mas uma verdadeira revolução na forma como experienciamos e interagimos com as obras artísticas. É um convite a todos para que, através dos sentidos, possamos vivenciar a arte de maneira plena, sem barreiras, em sua mais pura essência.

## **Desenvolvimento**

### **2.1. Minha primeira experiência com Audiodescrição**

Devido ao meu interesse que surgiu por essa área, no ano de 2024, realizei o curso “Introdução à audiodescrição”. Nesse curso, audiodescrevi vinte obras, para compor as horas do estágio IV em artes visuais licenciatura. Entre elas, a audiodescrição da obra “Vaca” (Obra 1, título) do artista Mestre Vitalino, ilustrada pela Figura 04.. Essa obra foi selecionada para compor uma amostra gratuita de audiodescrição, a qual ocorreu no Instituto de Arte Contemporânea da UFPE, no ano de 2025, 19 de março. A exposição apresenta obras disponíveis no acervo, todas audiodescritas, sendo realizadas por audiodescritores do projeto do Instituto de Arte Contemporânea.

Figura 4. Vitalino, Mestre. Vaca, Obra: 0206, 2024.



Fonte. Foto do Acervo do IAC. Disponível em link :  
<https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1ttfOU3GS5TWQ4713d18VdLUPnVv34V5s> Acesso 05  
fev.2025.

Trata-se de uma escultura, com o título “vaca” e feita com a técnica de terracota, e a data de aquisição foi em 1967. Além disso, a altura é 30,0 cm, a largura de 13,0 cm e a profundidade de 25,0 cm. Vitalino Pereira dos Santos nasceu na cidade de Caruaru, Pernambuco. Era filho de um lavrador e de uma artesã que fazia panelas de barro para vender na feira. Ainda criança, começou a modelar pequenos animais de seu repertório rural, como bois e cavalos, com as sobras do barro usado por sua mãe na produção de utensílios domésticos para serem vendidos na feira de Caruaru. Os primeiros bonecos que criava eram seus brinquedos, e o barro que mais tarde serviria de matéria prima

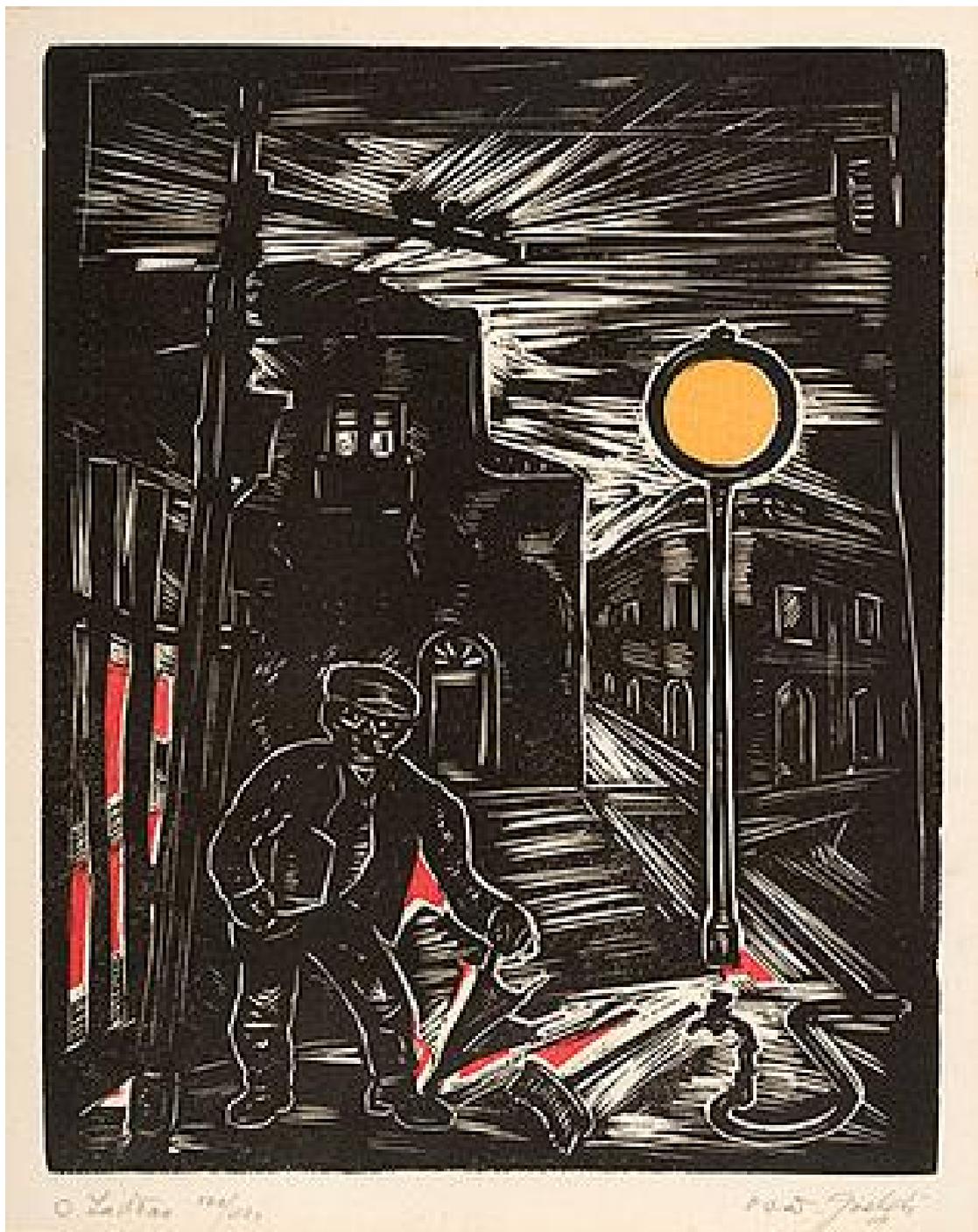
para a sua arte, era retirado das margens do rio Ipojuca, local onde Vitalino brincava durante sua infância (Notas proêmias criadas pelo autor, 2024).

Trata-se de uma escultura de 30,0 cm de altura, 13,0 cm de largura e 25,0 cm de profundidade, a escultura de representação de uma vaca, na cor marrom, que é a cor do suporte. Apresenta dois chifres arqueados sobre a cabeça. Há duas orelhas voltadas para baixo nas laterais. Apresenta dois olhos e dois orifícios circulares representando as narinas ; abaixo, há uma linha em relevo representando a boca. Na parte posterior da cabeça apresenta uma leve ondulação. Está apoiada sobre quatro patas (Audiodescrição, criada pelo autor, 2024).

Observa-se que, para fazer a audiodescrição, precisei inicialmente criar as ‘*notas proêmias*’, de acordo com o guia de áudio de Nascimento (2017, p.13) : “[...] as notas proêmias não têm a função de antecipar informações e ,sim, de prestar informações gerais, como: tema e propriedades da imagem”. Ou seja, trata-se de um resumo da obra que orienta o audiodescritor a realizar sua leitura visual. Na sequência, a audiodescrição se apresenta como uma linguagem direta, evitando repetições e com informações claras, isso para possibilitar que o ouvinte compreenda de imediato a imagem que está sendo lida.

Outra experiência marcante para mim foi audiodescrever a obra “(ladrão)”, Figura 02, do artista Goeldi,1955, por se tratar de uma xilogravura, processo que se aproxima muito da minha prática e criação enquanto artista.

Figura 5. Goeldi, Oswaldo . O Ladrão (1955)



Fonte. O Ladrão. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/103706-o-ladiao>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2025. Verbetes da Enciclopédia.

Oswaldo Goeldi nasceu no Rio de Janeiro, em 1895, e foi um dos grandes nomes da arte brasileira do século XX. Conhecido por sua produção gráfica, principalmente em gravuras, Goeldi se destacou pela exploração das sombras, da figura humana e do universo urbano. Sua obra "O Ladrão" (1955) é uma representação poderosa e perturbadora da vida nas grandes cidades, na qual ele explora a tensão e a violência presentes no cotidiano. A obra, em particular, reflete a crítica social que Goeldi imprimiu em suas gravuras, utilizando a técnica de xilogravura e, neste caso, a gravura em metal, para aprofundar o impacto visual da cena de um roubo.

Além disso, a técnica é uma xilogravura, com altura de 31,0 cm e largura de 24,0 cm. Oswaldo Goeldi cresceu em um ambiente urbano e, durante sua infância, foi profundamente influenciado pela vida nas ruas do Rio de Janeiro. Sua arte tem uma forte relação com as camadas mais marginais da sociedade e busca captar momentos de tensão e mistério. "O Ladrão" não só nos confronta com a ideia de criminalidade, mas também com os aspectos de desolação e solidão que a acompanham (Notas proêmias criadas pelo autor, 2025).

#### A gravura "*O Ladrão*"

(1955) apresenta uma cena noturna envolta em mistério e tensão. No centro da composição, uma figura masculina caminha discretamente, ligeiramente curvada, como se buscasse passar despercebida. O chapéu de abas largas oculta parte de seu rosto, intensificando a sensação de sigilo e incerteza. Ao fundo, construções de traços simples, com janelas escuras e silenciosas, reforçam o ambiente urbano sombrio. Com dimensões de 26,3 cm de altura, o forte contraste entre luz e sombra, característico da obra de Goeldi, acentua a dramaticidade da cena. A textura rústica e os traços expressivos da xilogravura intensificam a atmosfera de inquietação, sugerindo que algo está prestes a acontecer. O espectador é capturado pelo clima de mistério, sentindo o peso da noite e da incerteza que permeia a imagem

(Notas proêmias criadas pelo autor, 2025).

A gravura retrata uma cena noturna carregada de mistério. No centro, um homem caminha silenciosamente, ligeiramente curvado, como se estivesse atento ao redor. Ele usa um chapéu de abas largas que esconde parte do rosto, aumentando a sensação de sigilo. Ao fundo, casas simples de linhas retas formam um cenário urbano sombrio. As janelas escuras sugerem silêncio e solidão. O contraste entre luz e sombra é intenso, criando uma atmosfera tensa. Os traços fortes e a textura rústica da xilogravura reforçam a sensação de inquietação, como se, a qualquer momento, algo fosse acontecer. A cena captura o espectador, fazendo-o sentir o peso da noite e da incerteza (Audiodescrição, criada pelo autor, 2025).

Na minha visão, este meu primeiro trabalho, ainda em fase de aprendizagem, representado pelos exemplos das figuras 01 e 02, reflete uma aproximação mais íntima e humanizada do público com a produção artística. Por isso, resolvi trazer essa tecnologia assistiva para minhas produções, como será apresentado no próximo tópico desta pesquisa.

## **2.2. O trabalho enquanto artista gravurista**

No curso de Artes Visuais, somos desafiados a explorar a multiplicidade de formas e expressões que a arte oferece. Durante o quarto estágio, tive o primeiro contato com a audiodescrição, uma descoberta que, sem dúvida, transformou minha percepção sobre a arte e a maneira como me relaciono com ela. Foi nesse momento que percebi o potencial da acessibilidade que a audiodescrição traz para o campo artístico, e esse marco foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste TCC. A partir desse contato, a audiodescrição se tornou uma ferramenta central na minha prática artística, influenciando diretamente a forma como concebo e produzo minhas obras.

A gravura, objeto de estudo desta pesquisa, sempre me encantou pela sua capacidade da imagem ser multiplicada, bem como simultaneamente uma técnica de expressão. Ao ingressar no curso de Artes Visuais, não sabia o que era gravura. Porém, logo me apaixonei pelas diversas possibilidades técnicas que ela oferece, como a xilogravura,

que é uma técnica de impressão em relevo realizada sobre madeira. Depois de lixada e preparada pelo gravador, a matriz, suporte utilizado para fazer as gravuras, pode receber a imagem transferida por decalque ou o artista desenha a própria madeira ou vai direto realizando o processo de gravação. O processo de gravação do desenho na placa é geralmente feito com um utensílio chamado goiva, um objeto cortante que permite a retirada das partes “indesejadas” da matriz. Neste processo o artista realiza uma espécie de entalhe. A remoção dessas porções de madeira permite que se forme um relevo. Essa será a parte da matriz que receberá tinta e será impressa. Após finalizado o entalhe, a superfície da madeira é então coberta de tinta e a impressão é feita em papel ou tecido.

A neolitegravura é uma técnica que utiliza a placa de neolite, como matriz. Para reproduzir a imagem, um material semelhante a uma lâmina de borracha. Neste processo, a imagem é criada ao entalhar o neolite, e a tinta é aplicada com rolo de impressão nas partes planas, nas áreas não entalhadas, sendo posteriormente transferida para o papel. Observa-se que, por meio desse método, é possível a criação de formas objetivas, ou seja, há a possibilidade de o artista explorar texturas e detalhes. Por fim, é inegável como o neolite é um suporte que permite um diferencial na produção de obras de gravura, pois pode ser utilizado em vários estilos.

A calcogravura é uma técnica de gravura realizada em metal, utilizando técnicas diretas ou indiretas de gravura de incisão. Nesse processo, a imagem impressa corresponde às áreas sulcadas, que são entintadas e transferidas para o papel por meio de uma prensa. Existem diversas formas de gravar o metal, entre elas a água-forte (técnica indireta de gravura calcográfica que corroi a superfície de uma placa de metal mediante a ação de algum tipo de mordente), a água-tinta (técnica indireta da gravura calcográfica que se obtém efeitos tonais parecidos com aguadas de nanquim. A resina em pó como breu, aquecida e aderida na placa, permite graduações tonais), a ponta seca (técnica direta de incisão da gravura calcográfica utilizando uma ferramenta de ponta afiada. Serve para sulcar o metal a seco, e os traços que se obtém são bem característicos por serem aveludados pelo fato de reter a tinta ao redor das rebarbas), e o buril (Ferramenta utilizada na técnica direta da gravura em metal e na xilogravura. É uma ferramenta de aço temperado, de seção quadrada, em forma de V).

E outras técnicas que permitem criar imagens únicas. Foi através delas que comecei a desenvolver minhas próprias obras, como a peça ilustrada pela Figura 01, gravura em neolitegravura realizada na disciplina de Gravura 1, 2019.1, a qual marca minha jornada pessoal como gravurista.

Figura 6. Gravura em neolitegravura realizada na disciplina de Gravura 1, 2019.1, UFPE.



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2019.

Essa obra, sem título, marca um dos meus primeiros experimentos no campo das artes visuais. Durante a disciplina de Gravura 1, explorei a técnica do neolitegravura, que compartilha semelhanças com a técnica da xilogravura, especialmente pelo uso das goivas como ferramenta principal. Essa experiência foi enriquecedora, pois me trouxe

autonomia e liberdade criativa. Em particular, a sobreposição de imagens com papel manteiga ampliou minhas possibilidades expressivas. Sempre tive afinidade com composições simples e despojadas, sem excessos de detalhes, um traço que se consolidou como característica do meu trabalho artístico.

De maneira geral, o meu trabalho enquanto artista não é excessivamente específico, nem assume particularidades marcantes. Trata-se de um trabalho que me permite uma grande liberdade criativa, sem grandes limitações. Gosto de explorar formas simples, sem excessivos detalhes. Minhas obras, por exemplo, sempre foram caracterizadas pela ausência de realismo, privilegiando formas básicas. Isso se alinha ao fato de que entrei na faculdade de Artes com o objetivo de obter a licenciatura. Claro, as disciplinas práticas fazem parte do meu currículo e, sem dúvida, demandam grande dedicação, especialmente nas áreas de desenho, gravura, pintura, tridimensionalidade e fotografia, entre outras.

Por isso, fiz uma primeira seleção para o exercício experimental desta pesquisa, e as obras que possuem notas proêmias e audiodescrições são as seguintes: Figura 1, obra Vaca; Figura 5, que é uma Xilogravura, obra O Ladrão; e a Figura 11, sem título, que é uma Neolitegravura, todas ilustradas pelas figuras apresentadas.

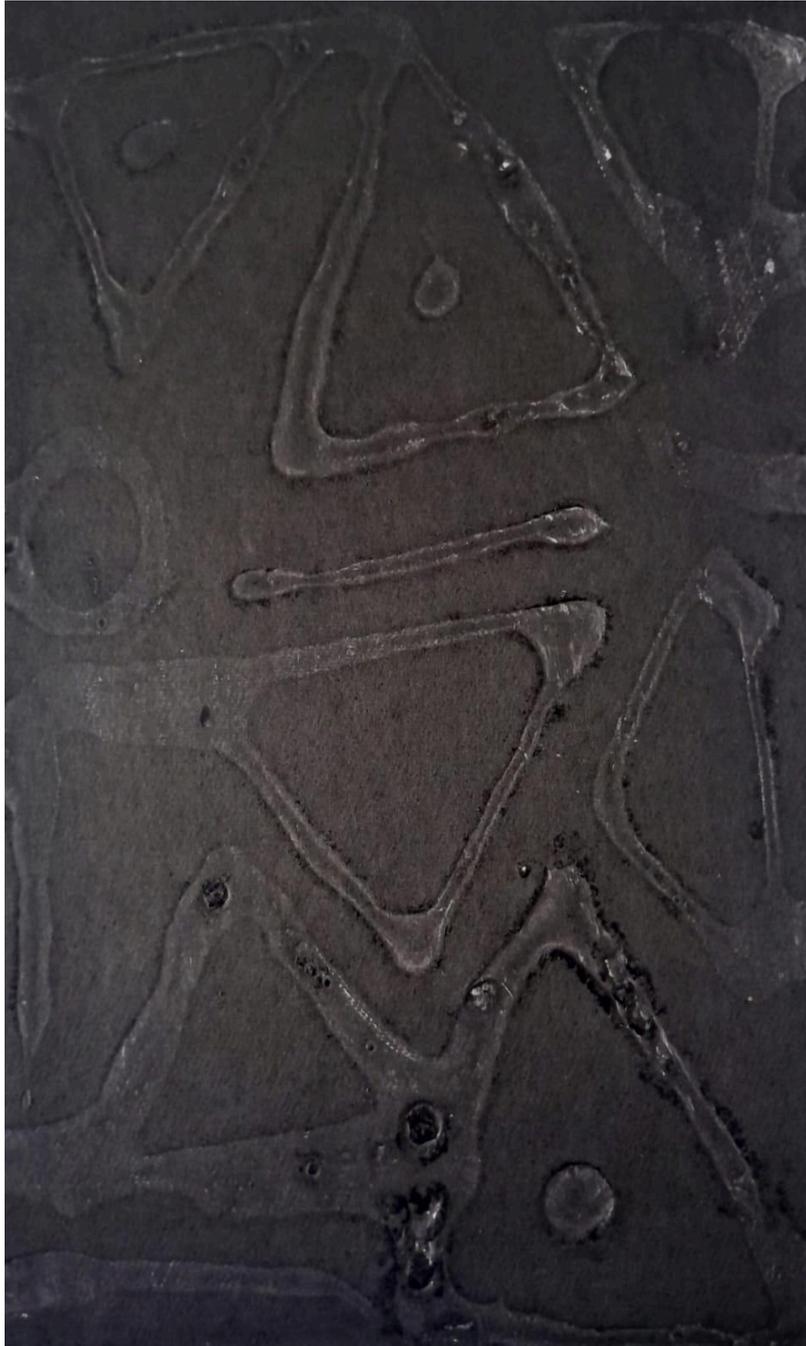
Figura 7. Gravura em xilogravura em madeira na disciplina de Gravura 1, 2019.1, UFPE.



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2019.

Mais um trabalho, como todos os que produzi, sem muitos detalhes, mas sempre com a minha marca : a simplicidade. Nesta xilogravura, fiz traços básicos, sem muita pretensão técnica, mas pude me divertir e brincar com o processo que a xilogravura me permitiu.

Figura 8. Gravura em Cologravura na disciplina de Gravura 2, 2022.1, UFPE.



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2019.

Nesta obra, a técnica de cologravura se destaca . O trabalho foi realizado utilizando cola quente e papel reciclado, explorando materiais alternativos para enriquecer sua dimensão estética e tátil.

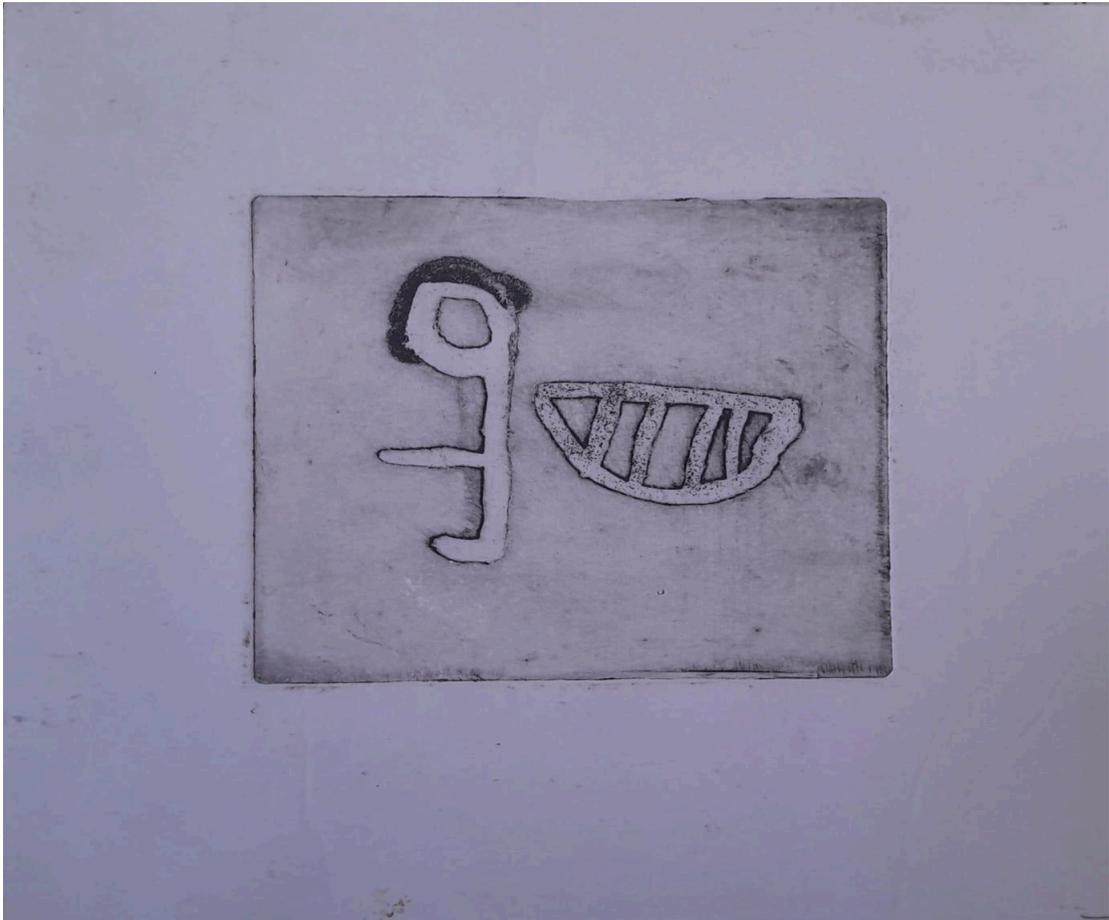
Figura 9 . Gravura em Calcogravura em metal na disciplina de Gravura 2, 2022.1, UFPE.



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2022.

Esta Calcogravura, ou gravura em metal, foi realizada na técnica de água forte, uma das formas indiretas de trabalhar com a utilização de um mordente. Nela, utilizei uma placa de cobre e o sulfato de cobre para realizar as incisões, como mordente. Explorei os desenhos que sempre fiz, desde criança. Sempre gostei de desenhar luas e estrelas, sem me preocupar com perfeccionismo, mas sim com a forma que me encantava. Neste trabalho, escolhi manter a simplicidade nos desenhos, que continuam sendo a minha marca. Ele faz parte do meu processo pessoal e criativo, trazendo elementos que sempre aparecem entre rabiscos e riscos.

Figura 10. Gravura em Calcogravura na disciplina de Gravura 2, 2022.1, UFPE.



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2019.

Esta última gravura foi criada utilizando a técnica de calcogravura (mordida aberta), que se caracteriza por isolar a placa com verniz, deixando grandes áreas abertas para que o mordente possa atuar. Assim como em minhas outras obras, a composição apresenta poucos detalhes e busca envolver o observador em uma atmosfera de calma e intimidade. Os traços sutis e delicados da imagem geram traços suaves, conferindo à obra uma expressividade silenciosa e contemplativa.

À medida que fui me aprofundando nas técnicas, percebi que muitas vezes a arte da gravura, por ser uma forma de expressão essencialmente visual, limitava meu trabalho a um público restrito, excluindo, especialmente, as pessoas com deficiência visual. Isso me incomodou profundamente e me levou a refletir sobre como poderia integrar a audiodescrição ao meu trabalho, ampliando o alcance da arte e tornando-a acessível a mais pessoas. Dessa forma, comecei a explorar como técnicas como a

audiodescrição poderiam detalhar os processos, mostrando exemplos para que o público, independente de sua condição visual, pudesse compreender melhor as obras.

A audiodescrição se apresentou como uma ponte, uma maneira de traduzir para a experiência auditiva e tátil o que a gravura pode provocar visualmente. Incorporar essa prática no processo artístico não apenas abriu novas portas de expressão para mim, mas também transformou minha maneira de ver a arte, entendendo-a como algo que pode ser vivido de múltiplas formas e por diferentes públicos. A partir dessa integração, o processo criativo passou a envolver mais sentidos, ampliando o significado e a vivência da obra, permitindo que cada impressão e cada textura não fossem apenas vistas, mas também descritas, tocadas e sentidas de outras maneiras.

Essa vivência transformadora, iniciada no estágio e ampliada ao longo da produção de obras como a “Obra 1 sem título”, e aprofundada nessa escrita, me leva a crer que a arte não precisa ser limitada aos olhos de quem a observa. A inclusão da audiodescrição na minha prática não apenas amplia o acesso à minha obra, mas também me permite enxergar a arte com novos olhos, onde a percepção vai além do visual e se expande para o sensorial, criando uma experiência mais rica e profunda para todos os envolvidos.

### **2.3. Experimento de Audiodescrição**

A infinidade de possibilidades e a liberdade criativa despertaram em mim um entusiasmo ainda maior pela área de audiodescrição. A partir das minhas pesquisas, percebi a necessidade de tornar esse trabalho acessível para que as pessoas com deficiência visual também possam explorar o repertório de produções artísticas. Contudo, antes que isso fosse possível, houve todo um processo de investigação e detalhamento sobre como a audiodescrição acontece no contexto das artes visuais, o passo a passo de como ela ocorre, as técnicas de gravura (já que esse é o objeto de estudo), e, por fim, exemplos de como realizar corretamente uma audiodescrição. Isso tudo me levou à parte prática da pesquisa, ou seja, ao experimento com pessoas que tenham baixa visão ou perda total da visão, com o objetivo de testar essa tecnologia assistiva e inclusiva.

Ao estudar o impacto da audiodescrição no campo das artes visuais, observei como ela pode ampliar as experiências estéticas e culturais para as pessoas com deficiência visual. Segundo Lacerda (2016), a audiodescrição não é apenas uma

tradução das imagens, mas uma forma de mediação que oferece a oportunidade de participação ativa nas produções artísticas. Dessa forma, a audiodescrição proporciona uma fruição mais inclusiva e democrática da arte, que muitas vezes é inacessível para esse público.

Este capítulo representa o fechamento de uma jornada de reflexão sobre a clareza, objetividade e concisão necessárias para escrever sobre essa técnica. Ao longo desse percurso, por diversas vezes me perguntei se seria possível realizar essa escrita, mas a coragem de seguir em frente me trouxe até aqui. Nesse último capítulo, é inegável a importância de se ter uma prova de como tudo o que foi prometido precisa ser testado, pois essa é a parte fundamental de todo trabalho. Isso porque uma pessoa que foi, e muitas vezes é, excluída das formas tradicionais de arte, pode agora se aproximar mais dessa rica forma de expressão artística.

Para isso, entre as obras apresentadas, escolhi a gravura sem título 01.

Figura 11. Gravura em neolitegravura realizada na disciplina de Gravura 1, 2019.1, UFPE.



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2019.

Minha escolha ocorreu porque esta foi minha primeira experiência prática enquanto gravurista. Inicialmente, com o objetivo de criar a audiodescrição, contei com a orientação da professora Ana Lisboa, orientadora e professora dessa disciplina, e

Jéssica Tardivo, professora da disciplina de TCC 2, para elaborar as notas proêmias. Como segue:

Trata-se de uma técnica chamada Neolitegravura , obra sem título 1, com data de 2019. Ela foi impressa em papel manteiga A4, com altura de 29,7 cm e largura 21,0 cm. O artista é José Vitor Dias, arte educador e artista visual, que nasceu na cidade de São Vicente Ferrer, Pernambuco. Era ainda criança, quando começou a fazer desenhos com areia e pequenos animais de seu repertório rural, como bois e cavalos. Os primeiros bonecos que criava eram seus brinquedos, e o barro sempre foi um instrumento de diversão. (Notas proêmias criadas pelo autor, 2025).

Seguido a esse processo, comecei a elaborar a audiodescrição do meu trabalho. A maior dificuldade de narrar um trabalho autoral é o fato de ser sempre levada a refletir sobre o processo criativo, e não apenas sobre a criação visual. Para construir uma linguagem direta e clara, me dediquei por alguns dias, observando a imagem e pensando sobre como tornar a descrição mais sensível. O resultado foi o trecho que segue:

Neolitegravura, obra Sem Título 1, com data de 2019. Ela foi impressa em papel manteiga A4. A altura é de 29,7 cm, e a largura, de 21,0 cm. É uma figura abstrata que lembra um inseto ou um personagem com formas arredondadas. No centro, há uma forma oval, e também se destacam quatro formas curvas que se estendem para os lados, duas patas e duas asas. No topo, encontra-se uma cabeça menor, com duas antenas, e a boca está aberta. Há traços adicionais e formas geométricas espalhadas pelo fundo, criando um efeito de sobreposição e movimento. A combinação de cores e a sobreposição das linhas vermelha e verde dão à imagem um aspecto vibrante e texturizado.

(Audiodescrição criada pelo autor, 2025).

#### **2.4. Testando a Audiodescrição**

Como sugerido pelas professoras Ana Lisboa e Jessica Tardivo, e minha curiosidade individual, estou testando o que tanto falei. Com a oportunidade de testar o

áudio da audiodescrição com alguém desse meio, fiz isso para avaliar o impacto da descrição e sua efetividade na transmissão das informações visuais.

Esse teste é capaz de fornecer um feedback valioso sobre a clareza e a precisão da descrição, permitindo ajustes importantes para garantir a melhor experiência possível para o público-alvo. De acordo com Costa (2017), “testar e revisar a audiodescrição com o público é um passo crucial para garantir que ela cumpra seu papel de transformar o visual em uma experiência acessível e significativa”.

Para esse experimento, convidei Michelle Lisboa Alheiros, uma especialista em audiodescrição com experiência na área. Michelle atualmente trabalha no Centro de Atendimento Especializado do Recife e é consultora pessoal de Liliana Tavares, também citada neste trabalho, a qual foi consultada para embasar o início da pesquisa, especialmente em sua tese de doutorado. Michelle, como consultora, possui total autonomia para avaliar e comentar sobre a qualidade de uma audiodescrição, decidindo se ela está pronta para ser levada adiante. Dessa forma, fui pessoalmente até ela para obter essa validação. Durante a entrevista, ela fez apontamentos, sugestões e esclareceu diversas dúvidas.

O mais importante nesse contato e entrevista com ela foi a possibilidade de contar com a opinião de alguém que realmente está inserida nesse meio e que pode aprovar ou não a audiodescrição. Embora eu tenha realizado o curso, não tenho contato direto com a necessidade de audiodescrição. Já ela, por estar inserida nesse contexto, possui total autonomia para apontar as partes positivas e aquelas que merecem ajustes.

A seguir, encontra-se o áudio, que pode ser acessado por meio de QR code, juntamente com a transcrição da entrevista.

Figura 12. Qr code com o áudio da entrevista



Fonte. Arquivo da pesquisa, 2025.

### **Transcrição da Entrevista com Michele Lisboa Alheiros**

#### **Qual a sensação em saber que a audiodescrição pode alcançar esse patamar?**

A audiodescrição é você transformar imagens em palavras, né? Então, as pessoas com deficiência visual, que é o meu caso, antigamente a gente não tinha acesso ao conteúdo imagético. As pessoas achavam que só pelo fato da gente estar escutando, a gente só estava entendendo tudo. Isso não é verdade, porque a audiodescrição é a tradução de imagens em palavras. E o mundo, 90% do que está no mundo é conteúdo imagético. Então, às vezes dizem assim, ah, no livro tem uma gravura. Sim, mas que gravura é essa? A gente ficava sem saber. É isso, então a sensação é a melhor possível. Ter acesso ao mundo imagético.

#### **Como você se sente ao saber que a audiodescrição entrou nas artes visuais, em especial nas gravuras ?**

É, quanto mais coisa a gente tiver acesso, melhor, né? Quanto mais conteúdo imagético, melhor. Então a sensação é sempre a melhor do mundo, é você se sentir incluído na sociedade, sabe?

**E hoje como você se sente ao ser incluída e sendo um referencial para testar a audiodescrição e sua opinião sobre o que foi proposto?**

Pertencente ao mundo, né? Ao mundo imagético, a sociedade, pessoa capaz de entender, de compreender, é isso.

**E agora é, você acredita que está de boa compreensão as audiodescrições. Sentiu alguma dificuldade e também queria que você desse as suas sugestões de melhoria para essas obras que eu trouxe hoje.**

Não, assim, você trouxe a obra, né? A gente conversou e daí eu já fui apontando as correções para que ela ficasse mais objetiva e mais clara. Entendi. Então, quando a gente vai fazer uma audiodescrição, a gente precisa pensar, não precisa escrever três folhas, não foi o seu caso, né? mas não precisa inscrever uma folha para descrever uma imagem. Então, a gente tem que procurar seu objetivo, ser claro, conciso, é isso.

**Como você acredita que todas as expressões de arte podem aproximar mais pessoas com perda total da visão ou baixa visão?** Veja. A pessoa que tem baixa visão pode ser que ela chegue numa exposição e pode ser que ela consiga perceber algumas coisas, né? Algumas imagens. No caso da pessoa cega, principalmente a pessoa cega que nunca enxergou, se não tiver audiodescrição, ela não vai ter acesso àquele conteúdo artístico, porque ela não está vendo. Então, eu acredito que todo local, toda exposição, deva ter audiodescrição. Inclusive isso está na Lei, né? Se a gente for para a LBI, a LBI já garante isso. Obrigado, Michele. Nada. Eu nunca tinha pensado. Não, você não, você enxerga, porque ele vê, entendeu? Ele usa o recurso visual dele, mas também tem pessoas que têm o quê? 10% de visão, 5% de visão, que não vai ver nada, vai precisar da audiodescrição sempre. E também se ela for para uma exposição que tenha só a obra, vai ter uma exclusão, porque as pessoas que têm perda total não vão ver, não outra sessão. Exatamente, então você tem que fazer pensando que quem tem a perda total vai usar, e quem tem a baixa visão, se precisar, vai usar também. Ela vai estar disponível para todo mundo, até porque a descrição muitas vezes é ouvida por pessoas que enxergam também. E às vezes as pessoas que enxergam dizem assim, ah, não tinha me atentado para esse detalhe ou para aquele detalhe. Foi quando eu estava, e escrevi sobre isso, eu ouvi também, que é assim, pessoas que já são de idade, pessoas que não têm uma educação, não é mesmo? E você vê que a descrição não vai beneficiar só a pessoa cega. Entendeu? É de um grande público que vai ser beneficiado também. Ela foi pensada, sim, para pessoas cegas, para pessoas com baixa visão, mas... Quem ampliou isso, né? Isso, mas depois ela foi ampliando, né? Sim. Disléxicos, pessoas com

dificuldade de aprendizagem, pessoas idosas, pessoas com deficiência intelectual, então, né? Pessoas que não se alfabetizaram, enfim, então vai... E é uma área muito rica, assim, de conhecimento, né?

### **Considerações finais.**

É inegável que todo processo de pesquisa é lento e a ânsia em querer aprender é grande, mas uma pesquisa nunca tem fim e sim um ponto final para um descanso para a conclusão de um ciclo e essa foi e é a minha maior inquietação. Nessa pesquisa, por exemplo, me sinto orgulhoso em não ter desistido e por ter buscado apoio nas orientações das professoras e por me dedicar, mesmo nos dias que seriam reservados ao descanso, a continuar escrevendo e aprofundando a pesquisa.

A experiência de integrar a audiodescrição ao meu trabalho como gravurista tem sido profundamente reveladora, não apenas como um artista, mas também como ser humano, percebo que a arte tem o poder de tocar e transformar todos ao seu redor, independentemente das limitações que possam existir. Ao longo dessa jornada, percebi que, ao tornar minhas obras acessíveis, estou não apenas permitindo que outros as experimentem de maneiras novas, mas também ampliando minha própria visão sobre o que a arte pode ser. A gravura, em sua essência, sempre teve a capacidade de comunicar emoções e narrativas através de texturas e formas. Com a audiodescrição, pude abrir uma nova dimensão sensorial para ela, permitindo que as pessoas se conectem com as obras de forma mais plena.

Ao refletir sobre tudo isso, acredito que não cheguei em um “ponto final” de pesquisa, mas na minha perspectiva, o mais bonito nesta prática é perceber que a arte pode ser uma linguagem sem fronteiras, um ponto de encontro entre diferentes mundos sensoriais e emocionais. Integrar a audiodescrição foi, para mim, não apenas uma forma de tornar minha arte mais inclusiva, mas também um convite para todos com ou sem deficiência visual — a vivenciarem a arte de uma maneira mais completa, sensível e humanizada. Assim, entendi que o trabalho de um artista vai além da criação de imagens; ele é também um meio de conectar as pessoas de forma mais profunda, respeitosa e inclusiva. Ao final, percebo que a arte, em sua capacidade de tocar a alma, deve ser acessível a todos, permitindo que cada um a experimentar da forma mais completa e enriquecedora possível.

Por fim, consegui cumprir os objetivos com as metas estabelecidas por mim, detalhar como se faz a audiodescrição, trazendo-a para as artes visuais, não esquecendo que o

tema central era a audiodescrição em conjunto com as artes visuais. Nesse meio, surgem as gravuras como objeto de estudo. Realizo todo esse processo de forma convicta e confiante. Apresento também obras autorais de gravura em meu texto, realizando audiodescrição nelas com a participação de pessoas que possuem a vivência de exclusão, ou seja, pessoas de baixa visão e perda total de visão.

É válido ressaltar o quanto foi enriquecedor entrevistar alguém que vivencia de perto a experiência da exclusão. A participação e colaboração de Michelle contribuíram significativamente para o trabalho, complementando os objetivos estabelecidos, alinhando-se à linha de raciocínio da pesquisa e possibilitando ajustes para o cumprimento das metas definidas em cada parágrafo deste TCC. Acredito que a pesquisa teve, sim, um bom aproveitamento e, sem dúvidas, o sentimento que permanece em mim é continuar o processo mais à frente, na minha vida acadêmica. Assim, finalizo.

## REFERÊNCIAS

- ALHEIROS, Michele Lisboa. Entrevista sobre audiodescrição e gravuras concedida a José Vitor Dias da Silva. Recife, 20 mar. 2025. [Entrevista pessoal].
- ALMEIDA, Maria. *Técnicas gráficas na arte contemporânea*. São Paulo: Editora Arte, 2018.
- ALMEIDA, Roberto. *A arte de Tunga*. Rio de Janeiro: Editora Cultural, 2017.
- COSTA, Mariana. *A audiodescrição no Brasil: desafios e avanços*. Brasília: Editora Acadêmica, 2017.
- DE COSTER, Karen; MUHLEIS, Peter. *A imagem traduzida: audiodescrição no contexto artístico*. Lisboa: Arte & Comunicação, 2007.
- JIMÉNEZ-HURTADO, Catalina. *Tradução audiovisual: legendagem e audiodescrição*. Madri: Editorial Multimídia, 2007.
- LACERDA, João. *Inclusão cultural e audiodescrição no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Inclusiva, 2016.
- MOTTA, Regina F. *Audiodescrição: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Editora de Comunicação, 2010.
- NASCIMENTO, Lidiane. *A audiodescrição como tecnologia em livro didático: um guia de orientação aos professores da educação básica*. 2017. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/207042>. Acesso em: 05 fev. 2025.
- PEREIRA, Carlos. *A acessibilidade na arte: um estudo sobre audiodescrição e inclusão*. Salvador: Editora Acessível, 2020.
- SANDERG, Willem. *O primeiro áudio-guia para museus: um estudo sobre acessibilidade na arte*. Amsterdã: Museu Stedelijk, 1952.
- SILVA, José Vitor Dias da. *Elaboração e práticas de audiodescrição: um guia passo a passo*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- TAVARES, Liliana Barros. *Verouvindo: investigações sobre a relação entre a audiodescrição e as camadas sonoras que compõem a trilha de áudio de um filme*. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

## ANEXOS

Figura 13. Exposição Vitalino, 2025



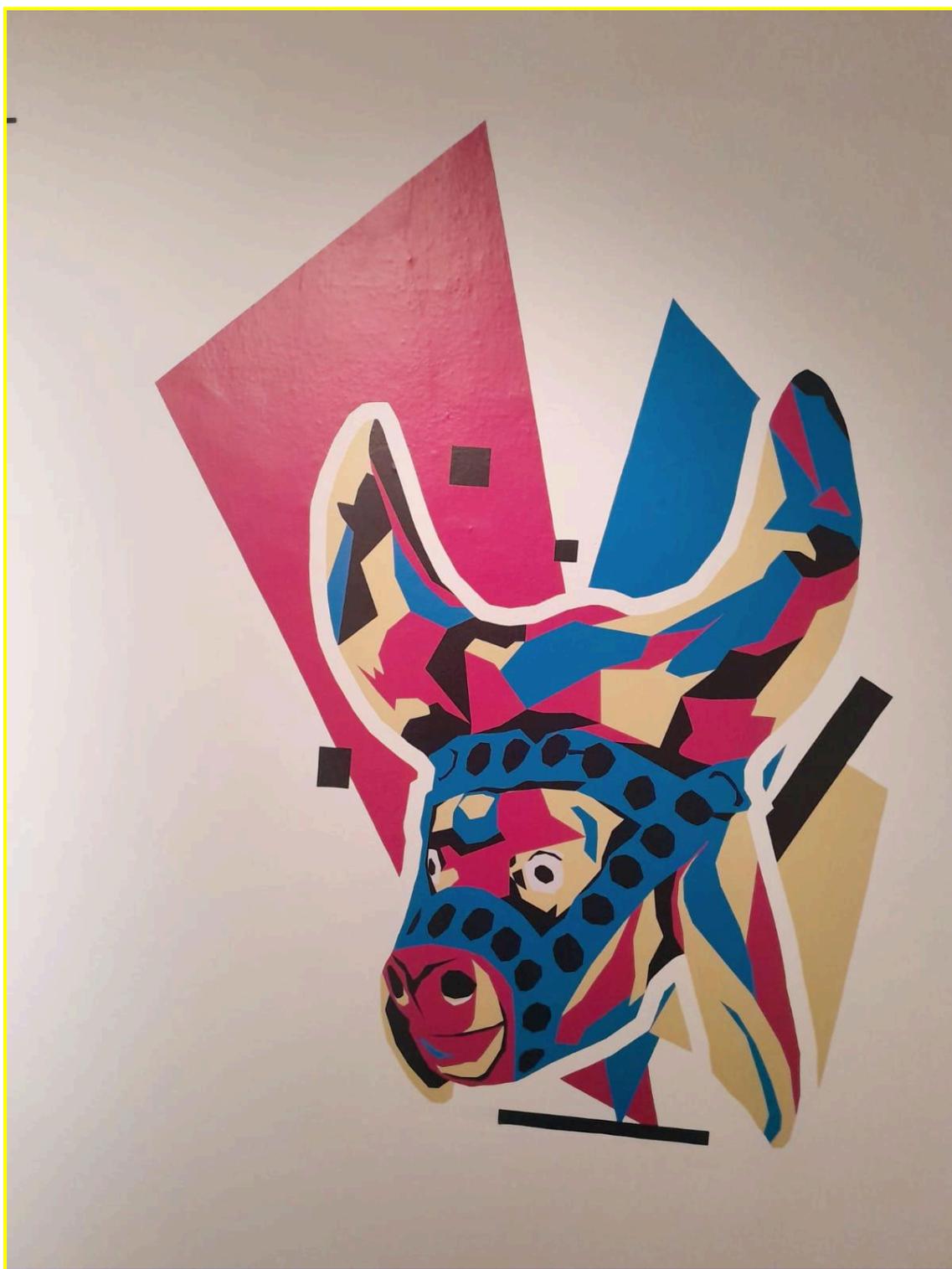
Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2025

Figura 14. Exposição Vitalino, 2025



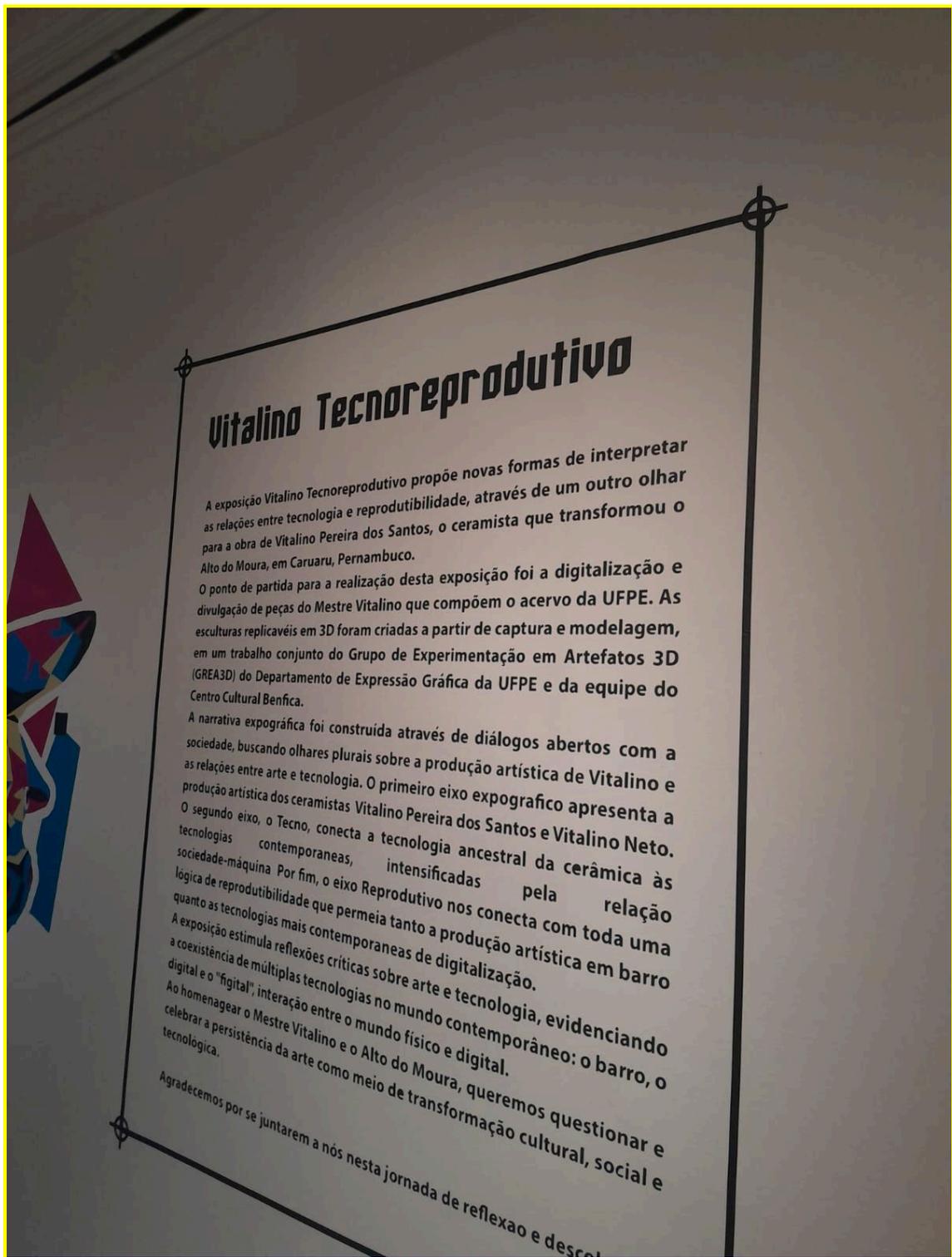
Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2025

Figura 15. Exposição Vitalino, 2025



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2025

Figura 16. Exposição Vitalino, 2025



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2025

Figura 17. Exposição Vitalino, 2025



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2025

Figura 18. Exposição Vitalino, 2025



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2025

Figura 19. Exposição Vitalino, 2025



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2025

Figura 20. Exposição Vitalino, 2025



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2025

Figura 21. Exposição Vitalino, 2025



Fonte. Arquivo do autor, Recife, 2025